

EDITORIAL

Após meses adversos e nebulosos, enfim chegamos ao final de 2019. E sobrevivemos! Essa, talvez, seja a sensação de grande parte da comunidade acadêmica e dos profissionais da educação do país. Apesar de eventuais divergências políticas e ideológicas, naturais em todo regime democrático saudável, é unânime que a esperança de materialização, pelo menos em parte, da utopia de uma nação mais justa passa pelo fortalecimento da educação e da ciência. O ano que finda, entretanto, testemunhou tristes e sistemáticos ataques a esses dois pilares do país. E, especialmente para a educação, as agressões contrastam de forma lamentável com o aniversário de 50 anos da publicação da *Pedagogia do Oprimido*, obra prima do patrono brasileiro da educação, Paulo Freire.

Vivemos numa era em que volume de informações que transpira a cada segundo dos poros da sociedade é de tirar o fôlego. Contudo, mesmo que para alguns pareça contraditório, é exatamente nesse dilúvio de informações que o papel da escola torna-se mais essencial do que nunca. E a justificativa é simples: *informação* não é *conhecimento*, e a transformação da primeira no segundo não é, nem de longe, um processo espontâneo e trivial. Devem, então, educadores e educandos, numa relação quase simbiótica, aprender a selecionar, classificar e analisar as informações a fim de conseguirem assimilar o que é realmente relevante e significativo, transformando, assim, informação em conhecimento. A busca da melhor maneira de realizar esse processo, por sua vez, alimenta acalorados e ricos debates na pedagogia e na didática. Como mencionado no editorial da última edição, a Revista Iluminart, que por uma década teve escopo multidisciplinar, passou a focar nas áreas de Educação e Ensino.

Esperamos, desta forma, contribuir com este importante debate, trazendo visões e propostas que auxiliem, de alguma forma, o processo educacional. Apesar da especificidade do escopo da revista, os artigos da atual edição abordam temas diversos, desde literatura e educação do campo, passando por aprendizagem significativa e interdisciplinaridade até chegar em pedagogia freiriana. Para a sessão Entrevista, conversamos com a Professora Joyce Elaine de Almeida Baronas, da Universidade Estadual de Londrina, sobre a Sociolinguística para o Ensino de Língua Portuguesa.

Para finalizar, gostaríamos de destacar mais uma vez que mantemos hasteada nossa bandeira pela educação pública, gratuita e de qualidade. Uma educação que forme cidadãos não só capacitados para adentrarem no mercado de trabalho, mas críticos e conscientes de seu papel na busca por uma sociedade mais justa. Educação essa que os Institutos Federais, desde sua criação em 2008, têm proporcionado a milhares de jovens e adultos em todos os estados do país e colaborando, assim, na atenuação da nossa obscena desigualdade social. Segundo Paulo Freire, o homem, ser histórico, inconcluso e consciente de sua inconclusão, possui a vocação inata de querer *ser mais*. A busca para concretizar essa vocação, por sua vez, não deve ser realizada no individualismo, mas sim no coletivo: “Ninguém pode ser, autenticamente, proibindo que os outros sejam. Esta é uma exigência radical. O *ser mais* que se busque no individualismo conduz ao *ter mais egoísta*, forma de *ser menos*”. É se alimentado dessa força coletiva que todos nós, educadores e educandos, sobrevivemos a 2019. E é esse alimento que nos manterá lutando não só para *sobreviver*, mas para *viver* nossa vocação de *ser mais*.

Olavo Henrique Menin
Editor-Chefe